

REVISTA PORTO

Programa de Pós-Graduação em História da UFRN

Volume 3 | Número 4 | 2016.2

“Pátria e dever”: a Colônia José Bonifácio como espaço da contravenção da ordem (1922)

“Homeland and Duty”: Colony José Bonifácio as a space of contravention of the order (1922)

Paulo Rikardo Pereira Fonseca da Cunha
Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Revista Porto 4 (3): 45-59 [2016]

Recebido em 29/08/16 – 17/10/16

REVISTA PORTO

Resumo: O objetivo deste artigo é entender como se deu a sublevação da Colônia de Pescadores José Bonifácio durante os meses de setembro e outubro de 1922, inserindo-a num contexto de tensões latentes existentes entre os diferentes territórios que constituíam a cidade de Natal. Os pescadores não eram apenas aqueles sujeitos ligados à ordem estabelecida, que participavam ativamente das manifestações cívicas do Rio Grande do Norte e do Brasil, eram também aqueles marginalizados pelo sistema, precarizados em seus direitos mais básicos. A partir dos conceitos de *cidade e território* (GOMES, 2010), de *espaço* (CERTEAU, 1994) e de *cultura política* (BERSTEIN, 1998) buscou-se compreender como os pescadores e outros grupos se espacializavam pela capital potiguar, dando protagonismo a ação desses indivíduos. Para a produção deste texto utilizamos diferentes tipos de fontes: periódicos locais e nacionais, relatos etnográficos, memórias, ficção e relatórios sobre a condição sanitária da cidade. A revolta analisada neste trabalho demonstrou as fraturas existentes na sociedade natalense do início da década de 1920, mostrando as fragilidades do tecido social que se encontravam escondidas pelos reveses da vida cotidiana.

Palavras-chave: Colônia de Pescadores José Bonifácio; Trabalhadores; Disputas Urbanas.

Abstract: The purpose of this article is to understand how was the upheaval of the Fishermen Colony José Bonifácio during the months of September and October 1922, inserting it in a context of the existent latent tensions among the territories that composed the city of Natal. The fishers were not only those individuals related to the established order, who actively participated in civic protests in Rio Grande do Norte and Brazil, they were also those marginalized by the precarious system in their most basic rights. From the concepts of city and territory (GOMES, 2010), space (CERTEAU, 1994) and political culture (BERSTEIN, 1998) we sought to understand how the fishers and other groups spatialised in the Potiguar capital, giving prominence to the action of these individuals. For the production of this text, we use different types of sources: local and national periodicals, ethnographic reports, memoirs, fiction and reports on the sanitary condition of the city. The uprising analyzed in this study showed the existing fractures in the Natal society of the early 1920s, showing the fragility of the social fabric which were hidden by the setbacks of everyday life.

Keywords: Fishermen Colony José Bonifácio; Workers; Urban Disputes.

“PÁTRIA E DEVER”: A COLÔNIA JOSÉ BONIFÁCIO COMO ESPAÇO DA CONTRAVENÇÃO DA ORDEM (1922) ¹

Ainda no calor das comemorações do primeiro centenário da independência do Brasil, mais precisamente no dia 20 de setembro de 1922, a tripulação do “Cananeia” e do “Pinta”, dois pequenos barcos de pesca, avistava a baía de Guanabara. Provavelmente uma sensação de dever cumprido e certo orgulho se apossava desses pescadores, que viajaram de Natal ao Rio de

¹A discussão proposta neste artigo também está presente na dissertação de mestrado intitulada “OMBRO A OMBRO COM OS MAIS FRACOS”: A INSERÇÃO DE JOÃO CAFÉ FILHO NOS ESPAÇOS DO TRABALHADOR NA CIDADE DO NATAL (1922-1937) apresentada no Programa de Pós-graduação em História da UFRN no ano de 2015.

Janeiro para representar seu estado nas comemorações do aniversário da libertação do país.² Eles se juntavam aos homens dos barcos “Iris” e “República” que chegaram as praias cariocas no dia anterior, completavam um total de doze pescadores que em quatro frágeis barcos a vela se aventuraram durante mais de vinte dias numa travessia perigosa pela costa brasileira. Foram recebidos com festas. Oficiais da Marinha, a imprensa carioca e o povo em geral felicitaram-nos pelo grande feito.³

Desde o início da jornada, ainda em solo natalense, esses “intrépidos” trabalhadores do mar foram bastante homenageados. O dia 27 de agosto começou movimentado. Uma missa celebrada às portas da Igreja Bom Jesus, reuniu centenas de pessoas no bairro popular das Rocas. O celebrante monsenhor Alfredo Pegado dirigiu palavras de apoio e afeto aos pescadores. Após a missa, esse aglomerado de pessoas seguiu em préstito junto aos pescadores em direção ao cais da Tavares de Lyra. Na sede do Centro Náutico Potengi, Kerginaldo Cavalcanti, em nome da Colônia de Pescadores José Bonifácio, e José Alves Pessoa, em nome dos escoteiros, discursaram; os poetas Othoniel Menezes e Edinor Avelino declamaram versos; e por último o chefe da polícia Sebastião Fernandes e o governador do estado Antônio de Souza abraçaram os pescadores e mostraram todo seu entusiasmo pela empreitada dos mesmos. Ao som da banda do 29º Batalhão de Caçadores, dos Aprendizes Marinheiros e do Batalhão de Segurança e na voz dos alunos da Escola da Colônia José Bonifácio, os pescadores embarcaram embalados pelo “Hino dos Pescadores” de autoria de Bastos Tigre.⁴

Todavia, essas comemorações escondiam na verdade uma frágil harmonia social, que estava em vias de ser despedaçada. No mesmo mês do grande *raid*, a Colônia dos Pescadores se sublevou contra as autoridades a que estava submetida, elegeu a revelia dessas autoridades sua nova liderança. O presente artigo tem como objetivo entender como se deu esse processo de revolta, inserindo-o num contexto de tensões latentes existentes entre os diferentes territórios que constituíam a cidade de Natal.

Em 1920, a capital potiguar contava com cerca de 5% da população do Rio Grande do Norte, o que totalizava 30.696 habitantes. A primeira vista podia parecer uma população pequena, principalmente se cotejada com outras capitais, como o Recife e Rio de Janeiro, por exemplo, mas tudo indica que se tratava de uma população, naquele momento, submetida à

²Existe divergência nos jornais analisados, em algumas publicações citam o nome de quatro barcos (Cananeia, Pinta, Íris e República) e em outras apenas três embarcações (Pinta, Íris e República).

³A IMPRENSA, Natal, 8 out. 1922.

⁴A IMPRENSA, Natal, 1 set. 1922.

consideráveis tensões, em parte associadas aos efeitos das estiagens no interior do estado.⁵ A cidade nos últimos anos recebia levas e mais levas de retirantes, que eram empurrados para o litoral por causa dos problemas climáticos que assolavam o semiárido norte-rio-grandense e em busca de melhores condições de infraestrutura. Três grandes estiagens afligiram o Rio Grande do Norte durante as duas primeiras décadas do século XX. Durante a seca de 1904 a população de Natal quase dobrou com a chegada dos refugiados da estiagem. Foi nesse momento que a cidade se aproximou da marca de 30.000 habitantes, quando recebeu 15 mil refugiados das secas. Ainda houve grandes estiagens no ano de 1914 e de 1919. A cada nova seca, mais imigrantes chegavam a capital.⁶

Essa nova população foi empurrada para as zonas periféricas da cidade: o Alecrim, o Passo da Pátria e as Rocas. Espaços da segregação de uma determinada parte da população que não tinha condições de arcar com as exigências da ordenação de uma urbe moderna. Nas três primeiras décadas do século XX, Natal passou por um processo de modernização. Inspirada por uma atmosfera advinda dos principais centros urbanos europeus, a partir de ideias higienistas e estéticas, buscou-se a construção de uma cidade moderna, onde predominasse as linhas retas nos traçados urbanos e edifícios ornamentados ao estilo *art nouveau*. Os bairros centrais de Cidade Alta, Ribeira e Cidade Nova (Petrópolis e Tirol) não eram para os recém-chegados, mas sim para o lazer, residência e comércio de uma parcela diminuta da população da cidade, agraciada com as transformações de uma cidade moderna: eletricidade, bondes, praças desportivas e clubes sociais.

A Cidade Nova era a materialização desse espírito moderno em Natal. Implantada nos primeiros anos do século XX, esse bairro apresentava ruas e avenidas largas, exigências dos princípios higienistas e racionais da modernidade. Os ventos precisavam percorrer abundantemente a urbe para varrer os elementos deletérios dos ajuntamentos populacionais. Dessa forma, o bairro de Cidade Nova harmonizava racionalmente a natureza e a vida humana. No entanto, nem sempre esse espaço fora assim concebido, antes de sua instituição, ele era habitado por pobres que viviam a margem da cidade. A fundação do novo espaço sob preceitos higienistas foi constituído sob o signo da segregação. As pessoas que ali antes viviam foram

⁵ As cidades de Recife e Rio de Janeiro contavam, respectivamente, com 238.843 e 1.157.873 habitantes segundo o censo de 1920. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>> Acesso em: 29 ago. 2016.

⁶ Esses dados sobre Natal foram retirados de: COSTA, Homero. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal – o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária do Rio Grande do Norte, 1995. ; SOUZA, Itamar de. *A República velha no Rio Grande do Norte 1889-1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

expulsas para outros espaços menos nobres da cidade. As Rocas, o Alecrim e o Passo da Pátria se estabeleceram como espaços daqueles que foram abandonados pela modernidade: habitações insalubres, excesso de habitantes e viciação do ar. Era a outra cidade que os “urbanistas modernos” queriam esconder.⁷

Foi nesse espaço urbano que se instalou a Colônia de Pescadores José Bonifácio em cinco de julho 1920.⁸ Além dos interesses dos próprios pescadores que agora possuíam uma entidade para protegê-los, a instituição dessa cooperativa se inseriu num projeto geopolítico do próprio governo brasileiro. Logo após o fim da Primeira Grande Guerra (1914-1918), a Marinha de Guerra brasileira percebeu a fragilidade das defesas do nosso litoral. Como não possuíam verbas para aumentar a esquadra, compreenderam que os pescadores espalhados pelo extenso litoral brasileiro poderiam ajudar nessa tarefa. Foi pensando nisso que no ano de 1919 o Comandante Frederico Villar foi designado para a tarefa de instituir colônias de pescadores nas áreas litorâneas do Brasil. Iniciou-se assim a Missão do Cruzador Bonifácio e sob o lema de “Pátria e dever” os pescadores foram integrados no projeto político do país, os militares tinham interesses nos conhecimentos tradicionais desse grupo sobre a geografia, a fauna e a flora do litoral brasileiro.⁹

Nesse contexto, a Colônia de Pescadores José Bonifácio, que estava hierarquicamente ligada à Capitania dos Portos de Natal, já contava, no ano de 1922, com sede própria e escolas primárias para a educação básica dos filhos dos pescadores. A Colônia, aparentemente, estava ligada aos interesses políticos do Partido Republicano do Rio Grande do Norte. Os pescadores nutriam boas relações com o então governador Antônio de Souza, com o jornal situacionista *A República*, com o chefe de polícia Sebastião Fernandes e com a Igreja Católica.

A notícia da chegada dos quatro barcos na capital da República encheu de entusiasmo a população de Natal, que empunhado bandeiras do Brasil e da Colônia de Pescadores, percorreu em júbilo as ruas do centro da capital potiguar em um grande cortejo; lideranças políticas e jornalistas discursaram sobre o feito em diferentes pontos da cidade. A vitória dos pescadores era comparada à Odisseia de Ulisses: venceram as adversidades do mar e se fizeram representar na capital federal. Para a imprensa situacionista, mais do que pescadores em uma distante cidade

⁷Para compreender esse processo de modernização ver: ARRAIS, Raimundo. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008. ; ARRAIS, Raimundo. Do alto das dunas às margens do rio: a paisagem e a literatura na cidade de Natal (1929-1970). *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 5 junio 2015, Vol. XX, nº 1122. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-1122.pdf>>. [ISSN 1138-9796].

⁸A IMPRENSA, Natal, 29 out. 1922.

⁹MORAES, Sergio C.. Origem das colônias de pescadores. *O Liberal*, Caderno atualidades, p. 2 - 2, 12 abr. 2015.

do sul, eram norte-rio-grandenses presentes no coração da pátria do Brasil.¹⁰

O contentamento demonstrado pela imprensa e autoridades locais diante do feito dos pescadores indicava que a Colônia José Bonifácio era uma entidade em consonância aos ideais do regime e que todos os seus membros estavam satisfeitos com o seu trabalho e as atividades da colônia. No entanto, por trás do consenso às vezes se escondem as fraturas presentes na sociedade, tensões que a vida cotidiana oculta. Sem motivo aparente, o presidente da entidade, Lauro Botelho Fagundes, renunciou a presidência. As fontes não explicitam o motivo da renúncia, mas se mostra importante esclarecer que a escolha do presidente da colônia deveria ter o aval não apenas dos associados, mas da própria Capitania dos Portos.

Segundo o estatuto da entidade o secretário da mesma deveria assumir, no entanto não foi isso que aconteceu. A revelia da Capitania dos Portos uma parte dos pescadores organizaram uma sessão extraordinária e elegeram como novo presidente o jovem João Café Filho.¹¹ Entre os meses de setembro e outubro de 1922, a Colônia de Pescadores se constituiu num espaço de contravenção à ordem estabelecida: na medida em que elegeu um presidente não autorizado pelas autoridades marítimas.

Quem era esse sujeito? Por que os pescadores o escolheram como presidente de sua entidade? Por que ele aceitou tal encargo? Para entender tais questionamentos, se faz necessário observar a conjuntura política e as relações de poder nas quais Café Filho e os pescadores estavam inseridos.

Café Filho emergiu no cenário político do Rio Grande do Norte no ano de 1921 com a publicação do *Jornal do Norte*. “Um semanário político-independente”, que já no primeiro número trazia em suas linhas duras críticas ao regime republicano vigente no país: onde não havia disputas eleitorais sérias entre partidos políticos, já que o poder se concentrava nas mãos dos mesmos grupos. Ainda nessa primeira publicação, mostrava a República dos Estados Unidos da América como um grande exemplo de respeito aos direitos políticos dos seus cidadãos. Desta forma, para Café e seus colaboradores o federalismo e a troca de poder seriam as ferramentas ideais para a constituição de um regime verdadeiramente democrático.¹²

Jovem de cerca de 20 anos, nascido no seio de uma família oriunda dos setores médios urbanos – seu pai era funcionário público – João Café Filho observara que poucas brechas se apresentavam para um sujeito como ele participar mais ativamente na vida política do estado. O

¹⁰ A IMPRENSA, Natal, 24 set. 1922.

¹¹ JORNAL DO RECIFE, Recife, 27 out. 1922.

¹² JORNAL DO NORTE, Natal, 17 jun. 1921.

espaço que encontrou era atuar no jornalismo de oposição e criar, juntamente com as oposições dos outros estados, alternativas para as reformas das instituições. Daí seu entusiasmo com a campanha a sucessão presidencial de 1922, que pela primeira vez colocava em cheque o domínio dos grandes estados na política nacional, revelando as tensões regionais que alicerçavam o sistema. Os estados do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, da Bahia, de Pernambuco e o Distrito Federal lançaram a candidatura dissidente de Nilo Peçanha para a presidência da República contra a candidatura oficial Arthur Bernardes que era apoiada por Minas Gerais, São Paulo e pequenos estados.

A campanha nilista ficou conhecida como a Reação Republicana, pois se propunha o saneamento das instituições republicanas. O discurso liberal desse grupo desenvolveu propostas de fortalecimento das forças armadas, de maior independência entre os três poderes e uma promessa de inclusão de alguns direitos trabalhistas. Essas ideias atraíram de sobremaneira os militares, as “classes médias” e os operários, movimentando, principalmente, os grandes centros urbanos.¹³ Desta maneira, Café Filho e seu jornal engajaram-se fortemente na campanha.

Natal assistia à emergência de setores ávidos por mais representatividade. Nesse cenário, a campanha nilista surgiu para agitar os ânimos da cidade e do estado. O *Jornal do Norte* passou a fazer progressiva campanha a favor de Nilo Peçanha e o periódico *O Imparcial*, órgão de José Eduardo Macedo Soares, noticiava no Rio de Janeiro a movimentação política dos líderes nilistas no Rio Grande do Norte. Na época, Café Filho, Kerginaldo Cavalcanti, Américo Pinto e o coronel José Mesquita percorreram o interior do estado propagandeando a campanha de Nilo Peçanha. Em edição de 30 de novembro de 1921, o jornal carioca noticia um “comício monstro” na capital potiguar, liderado por Café Filho e Kerginaldo Cavalcanti¹⁴, que apontou a chapa de Nilo Peçanha e J. J. Seabra¹⁵ como a única capaz de representar as aspirações populares. Em outro comício realizado em dezembro, uma multidão de seis mil pessoas, segundo o jornal *O Imparcial*, ovacionaram os nomes de Nilo Peçanha, de J. J. Seabra, de Borges de Medeiros, do *Jornal do Norte* e de outros próceres nilistas.¹⁶

Além da atuação na imprensa e da participação em campanhas oposicionistas, Café Filho se fez presente na vida dos habitantes de Natal e do Rio Grande do Norte por meio de sua atuação no direito. Embora não tivesse instrução formal em alguma Faculdade de Direito, atuava

¹³FERREIRA, Marieta de Moraes. A reação republicana e a crise política dos anos 20. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n.11, p. 13-14, 1993.

¹⁴Jovem promotor da cidade do Natal.

¹⁵Político baiano, candidato a vice-presidente na chapa da Reação Republicana.

¹⁶O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, 28 dez. 1921.

como advogado rábula, isto é, tinha licença do próprio judiciário para exercer a profissão. Assim sendo, consolidou-se como defensor dos trabalhadores mais humildes, seus clientes eram tecelões, pescadores, estivadores e outros, que pouco ou nada lhe podiam pagar pelos seus serviços. Em suas memórias, Café Filho afirmou que diziam no Rio Grande do Norte que seu prestígio vinha “de andar até sessenta léguas no lombo de um cavalo para ir ao interior fazer a defesa de presos pobres, que não podiam pagar advogados”. Café expunha que nem sempre isso se sucedia, muitas vezes, tinha algum ganho na viagem, porém, era muito pequeno. Suas viagens pelo interior, segundo ele, eram motivadas pelo seu forte senso de justiça. A esse respeito, dizia que era esse sentimento que o diferenciava dos outros políticos opositores, pois estes defendiam os valores de liberdade, “como o supremo bem do homem”, mas nele o sentimento de justiça era mais forte.¹⁷ Em suas memórias, Café recriou suas experiências passadas, e, com o intuito de atribuir sentido à sua vida política, ele evidenciou suas primeiras atividades movidas por sentimentos nobres. Assim, em sua narrativa ele dá os contornos do início de uma carreira política de abnegação e preocupada com os pobres.

Agitador político, jornalista de oposição e advogado dos mais simples. Certamente esses “adjetivos” foram lembrados pelos pescadores dissidentes quando escolheram João Café Filho como presidente da Colônia dos Pescadores. Os periódicos analisados não deixaram pistas do dia exato no qual houve essa sublevação nas Rocas. Sabe-se, contudo, que aconteceu no período do *raid* patriótico ao Rio de Janeiro, isto é, entre os meses de setembro e outubro.¹⁸

As forças de segurança não tardaram em agir, pois a ordem estava sendo subvertida. A Colônia, órgão subordinado a Capitania dos Portos, estava sob a liderança de um elemento estranho às autoridades do estado. Assim no dia 22 de outubro de 1922, o som de passos e de cascos cortava o habitual silêncio das madrugadas natalenses. Resfolegavam animais e homens de dois regimentos da força pública de segurança. Sob as ordens do 1º Tenente Glycério Cícero, cavalaria e infantaria investiram em marcha em direção ao bairro das Rocas com a finalidade de desapropriar o prédio da Colônia José Bonifácio. Ali se entrincheiravam cerca de cem indivíduos, entre pescadores e não pescadores. Boatos espalharam-se pela cidade: alguns afirmavam que encontravam os amotinados fortemente armados; outros mais efusivos falavam de cargas de dinamites entre os pescadores.¹⁹ Depois de algumas horas de cerco e negociações, parte dos amotinados resolveu se entregar. Muitos já haviam se evadido do local. Café e 45

¹⁷ CAFÉ FILHO, João. *Do sindicato ao Catete*, 1966. p. 20-21.

¹⁸ JORNAL DO RECIFE, Recife, 24 out. 1922, 27 out. 1922, 9 nov. 1922, 14 dez. 1922.

¹⁹ JORNAL DO RECIFE, Recife, 24 out. 1922, 27 out. 1922, 9 nov. 1922, 14 dez. 1922.

pescadores foram encaminhados para a delegacia de polícia do bairro da Ribeira.²⁰

A Colônia de Pescadores José Bonifácio era um espaço que estava subordinado às exigências do *establishment* potiguar. No seio dessa instituição, travavam-se batalhas entre múltiplas concepções políticas e sociais dos seus associados. As rachaduras do grupo tornavam-se aparentes: os pescadores não eram apenas os felizes patrióticos que homenageavam a Independência, eram também aqueles marginalizados pelo sistema, precarizados em seus direitos. As lideranças não mais respondiam aos anseios dos seus membros tendendo a desmoronar. Certamente, a atuação de Café Filho, como jornalista de oposição e advogado dos mais pobres, foi responsável pela simpatia nutrida por esse grupo de pescadores, pois o novo líder “eleito” para desempenhar um papel de opositor talvez respondesse melhor às demandas do grupo.

Ao lado dos mais humildes, cercado pela polícia na Colônia José Bonifácio, assim nasceu politicamente João Café Filho. Em sua autobiografia, Café escolheu esse momento para seu “nascimento” mais importante. Quando escreveu suas memórias, em 1966, colocou esse acontecimento em evidência, pois assim, justificava todas suas ações políticas ao longo de sua vida. Ele criou, portanto, um sentido para sua existência, apagando o que não se afinava com sua proximidade com os mais humildes.²¹

Café Filho e seu grupo, para sobreviver, necessitavam de uma sólida base de sustentação. Por isso, eles se espacializaram pela cidade, procurando conquistar, simbólica e fisicamente, certos espaços da urbe. A presença física e o domínio simbólico do bairro das Rocas garantiriam um importante reforço na luta contra o situacionismo local e pela busca do saneamento das instituições republicanas. A Colônia de Pescadores instituiu-se como um importante espaço que avalizaria a infiltração e o domínio do populoso bairro das Rocas.

Conquistar uma determinada categoria profissional representava uma conquista de novos territórios na cidade que, por sua vez, concederiam mais poder de atuação ao grupo de Café. Controlar um território pressupõe estabelecer dentro de um determinado espaço regras de acesso e de circulação, assim como a normatização das atitudes e comportamentos. Dessa forma, aumentar sua área de influência significaria a Café e seus correligionários ou aos demais grupos uma maior afirmação de poder. Os territórios não são estáticos, estão em constante mudança, pois existem batalhas e resistências que conformam novos territórios e acabam com os antigos.²²

²⁰CAFÉ FILHO, João. *Do sindicato ao Catete*, 1966. p. 35-37.

²¹*Idem*.

²² Os conceitos de território e cidade utilizados neste trabalho foram pensados a partir do trabalho de: GOMES,

Ocorrem lutas por espaços dentro da cidade, por isso os indivíduos, movidos por diferentes anseios, estabelecem relações e fundam territórios. Desse modo, comportamentos e valores políticos distintos são construídos a partir das experiências individuais dos sujeitos. O conceito de cultura política, por sua vez, apresenta um leque de possibilidades para se pensar as relações sociais ou os modos como as pessoas se reconhecem e agem no mundo, recriando-o e povoando-o de significados, mitos e símbolos.²³ Quanto à espacialização do mundo, ocorre por meio da interação com um sistema de valores. Dessa forma, os espaços são culturalmente construídos ao mesmo tempo em que produzem e difundem a cultura. Os significados do espaço lhe são dados por investimentos simbólicos feitos sobre ele a partir de certos grupos sociais. A todo momento, o homem cria referências para viver em sociedade, visto que são os sentimentos e ações que instituem espaços. É, por sua vez, a cultura que influencia um conjunto simbólico que dá sentido aos espaços.²⁴

A cultura política constitui-se, assim, em um conjunto de representações complexas que abarcam valores, normas, atitudes e imaginários partilhados por determinado grupo acerca dos fenômenos políticos, também se estabelecendo como uma instituidora de espaços. Existe uma “áurea” que toma conta de determinados espaços, os quais muitas vezes nos permitem investigar o imaginário político dos grupos que os estabeleceram.

A sublevação nas Rocas foi interpretada como um movimento guiado exclusivamente por Café Filho, já que a imprensa menosprezou a participação ativa dos pescadores no movimento. Aparentemente, no universo dos editores e jornalistas, os mais humildes eram incapazes de promover uma agitação de tamanha magnitude. O próprio Café Filho também não conseguia enxergar o papel ativo dos pescadores na movimentação. Segundo ele mesmo, sua liderança foi responsável por arregimentar os pescadores. Ambos os lados não conseguiam distinguir a experiência dos próprios pescadores, a história de vida dos amotinados não era importante. As narrativas de Café e da imprensa foram entretecidas a partir das percepções de vida e do modo como organizavam suas experiências, particularizando um acontecimento coletivo e cristalizando a imagem do jornalista como ícone da resistência ao mandonismo.

O *Jornal do Recife*, por sua vez, acompanhou de perto os acontecimentos na capital potiguar. Os seus artigos esboçaram um Café Filho dominador e extremamente ativo no decorrer

Paulo Cesar. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

²³O conceito de cultura política foi operado a partir de: BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

²⁴Sobre o conceito de espaço ver: CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

dos acontecimentos, enquanto apresentava os pescadores como sujeitos passivos e dominados, com enunciados do tipo: “um pescador aliciado por Café violou o edifício”²⁵; “Café Filho que contra os estatutos e aproveitando-se da cegueira moral dos pescadores analfabetos elegera-se presidente”.²⁶ O tom das manchetes denota que no universo conceitual dos editores da época os trabalhadores sem instrução seriam incapazes de se organizar política e estrategicamente subvertendo o ordenamento das instituições. No entanto, os pescadores possuíam suas próprias demandas, escolheram um novo líder que, em seu julgamento, representaria melhor a entidade. Possivelmente, os antigos dirigentes ligados às estruturas de poder estatal não conseguiam perceber os anseios individuais dos pescadores.

Nesse processo, o grupo de pescadores não formava uma identidade homogênea. Como mencionado, várias tendências confrontavam-se no seio dessa associação. Quando Café foi preso, ao lado de 45 pescadores, ao contrário do que afirmou em autobiografia, não conseguiu libertar todos os envolvidos no incidente. Dois moradores das Rocas, Manoel Lins (vulgo Bate Pestana) e Luiz Absalão Silva, não tiveram o mesmo destino que os demais e permaneceram presos. O primeiro foi acusado por porte de dinamites e o segundo foi mantido preso porque “catequizava os pescadores e os induzia a revolução”.²⁷

Que revolução era essa? Mais que respostas, a documentação nos traz dúvidas e insinuam outros caminhos para a análise desse caso. Pode-se considerar que a acusação pesada sobre o pescador referia-se à “doutrinação” do credo comunista. Em março de 1922, foi fundado, na cidade de Niterói, o Partido Comunista do Brasil. No entanto, após três meses de funcionamento, foi posto na ilegalidade pelo presidente Epitácio Pessoa (1919-1922). As autoridades potiguares, seguindo orientações nacionais, deveriam estar atentas à propagação do comunismo entre os trabalhadores. Por pregar a revolução contra a ordem estabelecida, Absalão teve uma sina diferente de seus companheiros: permaneceu preso enquanto os outros pescadores, que estiveram ligados a Café e também participaram da sublevação das Rocas, foram libertados.

O bairro das Rocas estabelecia-se como o espaço por excelência dos trabalhadores pobres de Natal, onde tendências políticas disputavam o monopólio pela palavra operário. Na época, diferentes grupos procuravam liderar os trabalhadores urbanos, em uma cidade que crescia com levas de emigrantes que chegavam fugindo da seca. Eles lentamente iam se

²⁵ JORNAL DO RECIFE, Recife, 27 out. 1922.

²⁶ JORNAL DO RECIFE, Recife, 9 nov. 1922.

²⁷ JORNAL DO RECIFE, Recife, 9 nov. 1922.

constituindo como importantes atores no jogo político de então. Nesse cenário, a aparente harmonia existente entre trabalhadores e líderes do Partido Republicano escondia a composição de grupos com pensamentos muitas vezes antagônicos. Apesar disso, a explosão demográfica de Natal nos anos 1920 possibilitou a formação de duas cidades distintas, ou seja, embora permanecessem interligadas por suas ruas e pelo trânsito de pessoas que afluíam de um lado para o outro, duas regiões se delimitaram: um centro e sua respectiva periferia.

De um lado, tinha-se a urbe da Cidade Alta, da Ribeira e da Cidade Nova, com suas elegantes residências, pujantes centros comerciais e com concorridíssimas praças de esportes para o lazer dos mais jovens. Do outro, os periféricos bairros do Alecrim e das Rocas, com seus areais onde viviam os operários. Comparado com as Rocas, o bairro do Alecrim apresentava uma melhor infraestrutura, já que o traçado de suas ruas seguia as dos bairros centrais de Natal. Em visita a Natal, Mario de Andrade se surpreendeu com a largura das ruas desse bairro periférico, “[...] todas com o duplo de largura da rua comum paulistana”.²⁸

Por sua vez, a infraestrutura do bairro das Rocas era mais precária. Suas ruas apertadas e mal traçadas abriam caminho por um espaço comprimido entre o rio Potengi, o mar e o restante da cidade. Em seu relato autobiográfico, Café descreve as Rocas como ambiente da miséria: trabalhadores do mar e do porto moravam ali em casas cobertas de palhas ou de folhas de flandres; várias dessas casas abrigavam a promiscuidade, sendo difícil definir uma casa como residência de uma família. Nelas, crianças, mulheres grávidas e mulheres velhas – desgastadas pelo tempo e pela maresia – eram continuamente atacadas por verminoses, dando a impressão de que aquela gente “chafurdava” com os bichos. Na época de chuva, as águas inundavam as pobres habitações e toda aquela miséria aparecia com maior nitidez.²⁹

As péssimas condições de higiene das Rocas e dos outros espaços operários da cidade eram responsáveis por agravar números funestos: em 1919, o número de óbitos na cidade chegava a 1.093 pessoas, dessas 573 eram crianças. O médico Januário Cicco, Inspetor de Saúde do Porto de Natal e Chefe das Clínicas do Hospital de Caridade Juvino Barreto, falava da necessidade de uma ação higienista nos bairros periféricos de Natal. Para ele as Rocas se constituía num dos principais focos de doenças da capital. Edificado sobre as dunas, seu terreno acidentado facilitava a formação de poças e alagadiços, proliferando, desse modo, a população

²⁸ ANDRADE, Mario de. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 233.

²⁹ Sobre o espaço das Rocas nos anos 1920, ver o livro de memórias de Café Filho, *Do Sindicato ao Catete* (1966); o relato etnográfico da viagem de Mario de Andrade a Natal em *O Turista Aprendiz* (2002); e os livros do memorialista e ficcionista Moacyr de Góes, *Entre o rio e o mar* Rio de Janeiro: Revan, 1996; e *Chão das almas*: romance e história. Natal: EDUFRRN, 2005.

de mosquitos vetores de algumas doenças que ceifavam as vidas dos natalenses. Eram 2.390 habitantes vivendo em 597 pequenas casas de paredes de taipa, chão batido e com um sistema de esgotamento sanitário que consistia na abertura de buracos desprotegidos nos quintais da habitação. Essa situação, para o Januário Cicco era responsável pela contaminação das águas que a própria população consumia, intensificando os casos de doenças e mortes entre os mais pobres.³⁰

Bairro das Rocas em 1920



FONTE: CICCO, Januário. *Como se higienizaria Natal: algumas considerações sobre o seu saneamento*. Natal: Atelier Typ. M. Vitorino, 1920.

Conseqüentemente, os operários viviam comprimidos nos espaços insalubres que sobravam da cidade entre os locais de trabalho e os demais espaços da cidade. Apesar das mazelas que a assolavam, as Rocas era um lugar privilegiado para diferentes categorias profissionais: facilitava o trabalho dos pescadores por estar próximo ao mar, e dos estivadores, embarcadiços e catraieiros, por também estar perto do porto. Além disso, a pouco mais de um quilômetro do centro do bairro, encontrava-se a fábrica de tecidos, um dos principais estabelecimentos industriais da cidade. Embora localizado perto das atividades econômicas, o rendimento mensal dos indivíduos que ali moravam era baixíssimo, geralmente todos os elementos do grupo familiar necessitavam trabalhar para garantir o seu sustento. Ainda que Natal apresentasse um padrão de vida inferior ao proporcionado em outras capitais do Brasil, o

³⁰ CICCO, Januário. *Como se higienizaria Natal: algumas considerações sobre o seu saneamento*. Natal: Atelier Typ. M. Vitorino, 1920.

que os trabalhadores recebiam mal dava para comprar os gêneros de primeira necessidade.

O bairro das Rocas era um foco permanente de tensão na cidade, pois lá se concentrava a miséria, a falta de infraestrutura urbana, a propagação de ideias socialistas e comunistas e, finalmente, um contingente de trabalhadores que tinham acesso a poucos direitos trabalhistas. Para conter os ânimos de seus moradores, agitados desde os acontecimentos na Colônia José Bonifácio, o chefe de polícia, Sebastião Fernandes de Oliveira, proibiu qualquer tipo de protestos nesse bairro. Comícios e outras manifestações a partir de então só poderiam ser realizados na praça Pio X, no centro de Natal, com prévio aviso às forças policiais.³¹ Essa medida visava a limitar os movimentos organizados por Café Filho, que já se estabelecia como a principal liderança dos trabalhadores das Rocas. Seus comícios, com ampla afluência de pescadores e trabalhadores humildes, atacavam com violência os poderes constituídos. Determinar o local de acontecimentos das manifestações era uma estratégia para afastá-lo de seus correligionários, compostos, em sua grande maioria, por moradores do bairro das Rocas.

Os trabalhadores do mar foram os primeiros a se aproximar de Café Filho como grupo, pois viram nas propostas do jovem advogado uma esperança de mudança de vida. Assim como os pescadores, os portuários também se mostraram favoráveis às tendências políticas de Café Filho, sendo cada vez mais atraídos pelas suas atividades jornalísticas opositoras e a defesa dos menos favorecidos nos tribunais. Nessa direção, o extenuante trabalho e as péssimas condições de vida, somados aos contatos com ideias trazidas pelos navios de diferentes lugares, formavam categorias profissionais heterogêneas que se fortaleciam a partir do intenso processo de questionamento das estruturas sociais. Dessa forma, o porto constituía-se em um espaço propício para a difusão e criação de novas formas de ver e entender o mundo, pois ali era o local onde, além de se trocarem mercadorias, trocavam-se ideias.

Por conseguinte, as tensões do bairro operário das Rocas desembocavam na insatisfação no meio portuário, fabril e comercial de Natal. Existia uma ligação intersticial entre esses espaços. Nos bares, nos terreiros e nas festas de boi das Rocas, os trabalhadores de diferentes profissões certamente discutiam, entre um gole e outro de sua aguardente preferida, suas preocupações, seus dilemas e suas visões de mundo. As ideias que aportavam nas Rocas modificavam-se a partir das relações travadas entre seus habitantes. Assim, quando chegavam aos operários norte-rio-grandenses, elas eram digeridas e modificadas a partir das experiências pessoais dos trabalhadores.

³¹ JORNAL DO RECIFE, Recife, 14 dez. 1922.

Na sociedade, nenhuma classe social escapa das interrelações com as outras classes. Os indivíduos estão interligados entre si, cada um deles sofrendo influências ao mesmo tempo que se tornam também formadores de opiniões.³² Nessa perspectiva, a proximidade geográfica e os problemas comuns enfrentados pelos grupos iam tecendo uma afinidade entre os trabalhadores mais pobres. Desse modo, em um mesmo casebre de madeira apertado, podia-se encontrar um avô pescador, um filho estivador e um neto tipógrafo³³, cada qual com suas especificidades profissionais contribuindo para acirrar as tensões entre os operários e os dirigentes políticos. Com isso, os discursos de Café sobre o saneamento das instituições republicanas e de mais representatividade política para as classes desprivilegiadas somaram-se à emergência de uma legislação trabalhista que foi ao encontro do que esses operários discutiam entre si, no trabalho, em suas residências ou nos seus poucos espaços de lazer.

Desse modo, não existia o aparente consenso entre os trabalhadores e as elites políticas noticiadas pelos periódicos. Uma profusão de ideias e interesses circulava em diferentes espaços de sociabilidade na capital norte-rio-grandense, cada qual em busca de impor sua maneira de organização social. Os jornais, o porto e a colônia de pescadores colocaram-se como uma rede de sociabilidades que davam vazão às incongruências do sistema político. Como resultado, as associações dos trabalhadores e alguns membros das “classes médias” uniram-se por um objetivo comum: o de desestruturar os grupos no poder.

A normalidade tinha retornado à cidade de Natal nos primeiros meses de 1923. A Colônia de Pescadores José Bonifácio, cumprindo as ordens da Capitania dos Portos à qual estava hierarquicamente ligada, foi entregue à presidência de Firmo Moura, pessoa de confiança das autoridades náuticas. Os portuários, nesse processo, continuaram suas atividades diárias com o transporte de mercadorias que entravam e saíam dos navios. Os operários da fábrica de tecidos seguiam o ritmado trabalho das máquinas de fiar. A Liga Artístico-Operária homenageava o governador Antônio de Souza com o título de sócio benemérito pelos valorosos serviços prestados à causa operária. O cotidiano retornara à pacata cidade.

As crises são momentos únicos que, além de desnudar as aparentes impressões de harmonia e de consenso social, constituem-se em uma ocasião privilegiada para se perceber minuciosamente a atuação dos sujeitos históricos individuais. Como afirma a historiadora Emília Viotti da Costa: “crises são momentos de verdade”, isto é, elas trazem à tona os conflitos

³²Sobre a relação entre os indivíduos e a sociedade ver: ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

³³Exemplo de núcleo familiar inspirado na personagem principal do livro *Chão de Almas* (2005), de Moacyr de Góes.

subterrâneos que a vida diária esconde.³⁴ Como os sujeitos se comportam em momentos de crise? Como escolhem um lado? Como narram os acontecimentos? São questões importantes para problematizar momentos de efervescência. A convulsão na Colônia de Pescadores evidenciou as ranhuras existentes no tecido social, visto que diversos conflitos se escondiam por trás dos protocolos da vida cotidiana revelando grupos que se apresentavam coesos, mas que mostraram suas fragilidades e se romperam quando tensionados demais durante essa crise.

³⁴ COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião de escravos em Demerara em 1823*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.